



doi: 10.20396/rfe.v12i2.8659337

Sobre a pedagogia em disputa: entre perspectivas e desafios no campo da educação

Robson Guedes da Silva¹

Resumo:

Este ensaio teórico busca estabelecer uma reflexão em torno do campo da pedagogia, percebendo-o como um campo em disputas. Intenta pensar nos desafios que emergem no campo da educação nos dias atuais, se nutrindo de discussões acerca da instituição escolar e sua produção de subjetividades, assim como da emergência do campo da pedagogia como efeito da produção na modernidade de uma sociedade educativa. É tensionando no presente as práticas conservadoras que o neoliberalismo fomenta para o campo da educação, que este ensaio, compreende a reflexão teórica como importante ferramenta de articulação político-pedagógica, possibilitando novas narrativas sobre o campo da educação.

Palavras-Chave: Pedagogia. Escola. Subjetividades.

Abstract:

This theoretical essay seeks to establish a reflection around the field of pedagogy, perceiving it as a field in disputes. It tries to think about the challenges that emerge in the field of education today, nourishing itself with discussions about the school institution and its production of subjectivities, as well as the emergence of the field of pedagogy as an effect of production in the modernity of an educational society. It is by tensioning in the present the conservative practices that neoliberalism promotes for the field of education, that this essay, understands theoretical reflection as an important tool of political-pedagogical articulation, enabling new narratives about the field of education

Keywords: Pedagogy. School. Subjectivities.

Introdução

A pedagogia como um campo de conhecimento além de possuir relações interativas com outros campos de saber como a sociologia, a filosofia, a antropologia, etc. Não se fixa a uma concepção unitária que a

¹ Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UFPE). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (PPGE-UFPE). Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

capture e a estabeleça como isso ou aquilo, mostrando-se desde seu surgimento e consolidação como um campo teórico que empreende problematizações sobre o fazer pedagógico, sempre aberto a variadas significações, através de permanentes articulações teórico-práticas sobre o pensar a educação.

É lançando um olhar sobre a história da pedagogia no nosso país e as tendências pedagógicas que a vão compor, que poderemos evidenciá-la como um campo de disputas políticas em que grupos vão advogar soberania visando consolidar um projeto específico de educação no país. Neste sentido, Candau (2012) nos aponta por exemplo que, desde os anos de 1960, o campo da didática buscou estabelecer críticas a uma tendência pedagógica tradicional, denotando como era necessário ao analisar a prática pedagógica, compreender a multidimensionalidade do processo ensino-aprendizagem, ou seja, pensar a didática a partir das suas dimensões técnicas, humanas e políticas.

Outras tendências pedagógicas se constituíram de aspectos liberais e tecnicistas, concebendo a sala de aula como espaço que deve sempre fomentar conteúdos e resultados, não se preocupando com os desafios do cotidiano escolar e as práticas pedagógicas que se efetivam nele. No lócus dessas disputas, diversas tendências de cunho progressistas se consolidaram, Libâneo (1994) nos aponta como exemplos, a pedagogia libertadora, a pedagogia libertária e a pedagógica crítico-social dos conteúdos, que buscaram pensar a prática pedagógica por um viés democrático, percebendo que no ambiente escolar é na relação professor-aluno que os saberes se articulam e que nenhuma prática pedagógica é neutra ideologicamente, pelo contrário, tais tendências conceberam a educação como uma prática comprometida com o social.

Na atualidade, o Brasil desde 2015 vivencia ferrenhas disputas político-ideológicas, grupos de extrema-direita após intensa polarização nacional, conseguiram assumir o governo federal, empreendendo desde o período eleitoral ferrenha perseguição à saberes da educação comprometidos com o viés democrático, acusando os professores de doutrinação ideológica,

bem como advogando uma fictícia neutralidade pedagógica que na verdade assume um caráter conservador e neoliberal.

É partindo desses pressupostos que, este ensaio busca pensar os desafios que emergem no campo da educação nos dias atuais, compreendendo a reflexão teórica como importante ferramenta de articulação político-pedagógica, possibilitando novas narrativas sobre o campo da educação.

Notas sobre o campo da educação ou da modernidade como sociedade educativa

“A produção de subjetividade constitui matéria-prima de toda e qualquer produção”.

Felix Guattari

Desde de sua emergência na modernidade, a instituição escolar se apresenta como um dos principais instrumentos de produção de subjetividades, tal processo de fabricação é articulado por diversos artefatos, assim como pelas reverberações e atravessamentos de certa inteligibilidade social. As práticas pedagógicas, o currículo, os atores presentes em seu cotidiano e as condições do fazer pedagógico funcionam para efetivar em seu espaço a produção e definição do sujeito. É pertinente evidenciar aqui com Deleuze que, nosso entendimento acerca do sujeito é de que

o sujeito se define por e como um movimento, movimento de desenvolver-se a si mesmo. O que se desenvolve é sujeito. Aí está o único conteúdo que se pode dar à ideia de subjetividade: a mediação, a transcendência. Porém, cabe observar que é duplo o movimento de desenvolver-se a si mesmo ou de devir outro: o sujeito se ultrapassa, o sujeito se reflete (DELEUZE, 2012, p. 76).

O currículo e as práticas pedagógicas vão mediar e constituir a relação do indivíduo consigo mesmo, estabelecendo, regulando ou

modificando a experiência que esse tem de si mesmo, servindo dessa maneira como um aparato de subjetivação no qual se fabricam sujeitos. Foucault (2003), nos elucida que a ontologia do sujeito não é mais que a experiência de si, denominada por ele também como subjetivação. Neste sentido, se faz necessário evidenciar com Jorge Larrosa (2000, p. 38), a experiência de si como o resultado em um dispositivo pedagógico do entrecruzamento “de tecnologias óticas de auto-reflexão, formas discursivas (basicamente narrativas) de auto-expressão, mecanismos jurídicos de auto-avaliação, e ações práticas de autocontrole e auto-transformação”.

A prática pedagógica funciona articulando visibilidades e dizibilidades, mediando e transformando as maneiras pelas quais os corpos que habitam a educação compreendem o mundo. Embora hoje assuma um efeito natural, de maneira que se torna quase impossível pensarmos uma formação da infância para além dos muros da escola, haja vista que os conceitos de infância e aluno se entrecruzaram produzindo uma interdependência. Podemos afirmar, concordando com Paula Sibilia, que

a escola é uma tecnologia de época. Ainda que hoje pareça tão “natural”, algo cuja inexistência seria inimaginável, o certo é que essa instituição nem sempre existiu na ordem de uma eternidade improvável, como a água e o ar, tampouco como as ideias de criança, infância, filho ou aluno, igualmente naturalizadas, mas também passíveis de historicidade (SIBILIA, 2012, p. 16).

Neste sentido, desponta como pressuposto de qualquer atuação docente, problematizarmos a instituição escolar e as crianças como os sujeitos da educação. Como possíveis efeitos dos debates dessa tensão teórica, entrevemos junto a Varela e Urias (1999, p. 2), que assim como da mesma forma que concebemos a escola, a criança, tal como a percebemos atualmente, “não é eterna nem natural; é uma instituição social de aparição recente ligada a práticas familiares, modos de educação e, conseqüentemente, a classes sociais”.

A infância, longe de ser apenas um universal homogêneo que captura subjetividades, é o efeito da produção de dispositivos pedagógicos. Pensarmos nas infâncias como provisórias e mutáveis é compreender as contingências das formas de habitar o mundo. A infância é desde a modernidade, objeto de estudos de vários campos do saber tentando fabricar inteligibilidades. Jorge Larrosa nos aponta que

[...] a infância é o outro: o que, sempre muito além do que qualquer tentativa de captura inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio no qual se abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhida. Pensar a infância como algo outro é, justamente, pensar essa inquietude, esse questionamento e esse vazio. É insistir mais uma vez: as crianças, esses seres estranhos dos quais nada se sabe, esses seres selvagens que não entendem nossa língua (1998, p. 69).

A escola abraça então um duplo sentido, ensinar uma língua para os sujeitos infantes que não entendem “essa” língua, como da mesma maneira prepara-los para viver na disciplina, salvaguardando seus corpos de movimentos selvagens próprios da compreensão da infância. A instituição escolar durante muito tempo se apresentou em sua relação estritamente técnica e instrumental com as formas de construção de conhecimento, desprovendo outros saberes tanto das crianças como dos próprios professores (SOUZA, 2005).

Essas relações que se constituem na escola, visando certa instrumentalização das formas disciplinares, denotam como a modernidade se apresenta como uma sociedade educativa. Cabe neste sentido, partindo das contribuições de Noguera-Ramírez, perceber três momentos, ou dito de outra maneira, “três formas de ser dos discursos e das práticas pedagógicas” (2011, p. 21), constituindo uma sociedade educativa: no primeiro momento entre os séculos XVII e XVIII, em que vemos o entrecruzamento de práticas de ensino e de certa polícia, efeito do que Foucault chama de “razão de

Estado”; o segundo momento refere-se ao final do século XVIII, em que o discurso liberal ganha força nas práticas pedagógicas, formulada a partir da influência do Iluminismo; por fim, no terceiro momento, a partir do fim do século XIX, no qual vemos a emergência da aprendizagem, conceito que ganha espaço dentro do campo da educação, produzindo igualmente certo alargamento da função educativa para além dos muros da escola.

No Brasil, a pedagogia como campo do saber ganha corpo a partir de 1939 com a criação do curso de Pedagogia, por meio da Lei nº 1.190 de 04 de Abril de 1939, iniciando a partir do surgimento dessa área de atuação, intensa produção teórico-prática buscando refletir sobre certa identidade do pedagogo e sua ação pedagógica na sociedade através da instituição escolar. Bussolli da Silva nos aponta que

[...] a história do curso de Pedagogia é marcada pela busca de resposta a respeito de “quem é o pedagogo” por meio da indicação de tarefas do campo educativo reservadas a ele, envolvendo um grau menor ou maior de especificação das mesmas. A realização desse empreendimento através dos tempos foi acompanhada ora pela ideia de que uma mesma formação comum prepararia tal profissional para o exercício de suas tarefas, ora pela ideia de que formações diversificadas deveriam ser oferecidas visando o preparo de profissionais para as diferentes tarefas de seu campo de trabalho (BUSSOLLI DA SILVA, 2011, p. 144).

Desde então, pensar a atuação docente exige do professor uma identidade profissional comprometida em desbaratar os alicerces canônicos da escola, produzindo possibilidades de outras infâncias, entrevedo outras narrativas e outros caminhos para habitar a educação.

Pedagogia em disputa: entre desafios e perspectivas ontem e hoje

A escola moderna nas articulações e tensões de um paradigma cartesiano, buscou através de tendências progressistas consolidar a compreensão de uma prática pedagógica comprometida com a formação humana. Em disputa com essas concepções críticas da educação se articulou, como nos aponta Veiga (2007), concepções sobre a escola que não mais se preocupavam como o caráter formativo-humanista empreendido na educação, conceitos como autonomia e criticidade, entravam disputas com termos como empregabilidade e qualidade total, estes tributários e efeitos do que a teoria do capital humano efetivou no campo educacional.

Nas suas expressões mais pungentes, a teoria do Capital Humano, nascida na Escola de Chicago, chega no campo da educação estabelecendo um rompimento na concepção e produção do sujeito, o que se concebia como sujeito de direito, é pela referida teoria neoliberal, compreendido como indivíduo-empendedor. Como nos aponta Sylvio Gadelha:

a estreita interface dessa teoria do Capital Humano com a educação está, portanto, na importância que a primeira atribui à segunda, no sentido desta última funcionar como investimento cuja acumulação permitiria não só o aumento da produtividade do indivíduo-trabalhador, mas também a maximização crescente de seus rendimentos ao longo da vida (GADELHA, 2009, p. 177).

As práticas pedagógicas vão nesta sociedade educativa funcionar cada vez mais através de uma racionalidade neoliberal, um aparato sofisticado de produção de subjetividades. Subjetividades instadas crescentemente a formas diversas de precarização, vivendo em constante provisoriedade que circunscreve vidas danificadas pela experiência diária com o neoliberalismo e suas engrenagens biopolíticas (STANDING, 2014).

O campo da Pedagogia, crescentemente inserido em contextos de precariado docente, de um lado é lócus de diversos processos de desqualificação da atuação docente, no qual professores sofrem uma contínua ausência de condições de trabalho: baixa remuneração, falta de estrutura das escolas, cortes de verbas cada vez agressivos com o orçamento

de investimento na educação nacional, etc. Do outro é alvo de programas alinhados ao discurso do empreendedorismo e competitividade, estabelecendo metas inalcançáveis sem levar em considerações as condições mínimas para uma educação de qualidade.

Sofisticando-se em facetas neoliberais, práticas de poder funcionam estabelecendo novas compreensões sobre a educação, enquadrando-a como uma empresa, vendo seus atores como prestadores de serviço e empreendedores de si. O que de novo nessa gama de disputas se apresenta é um aglutinado de posicionamentos conservadores e persecutórios, atacando a produção e repertório intelectual desse campo de saber, desqualificando teóricos importantes para o campo da educação, como Paulo Freire, por exemplo.

Longe de se apresentar como uma “nova tendência” que se utiliza de concepções teóricas e produção acadêmica para apresentar um projeto de educação nacional, o que se evidencia como estratégia da extrema-direita é de forma primeira: a descaracterização e desqualificação da importância da educação nacional, mediante a “denúncia” de doutrinação dos professores pelo chamado marxismo cultural.

A vontade de militarização do ensino nacional, indo de encontro a todo um debate aglutinado em torno da coletividade, disciplina e prática pedagógica no ambiente escolar. Bem como a defesa do fim de uma educação para autonomia e criticidade, valorizando exclusivamente a empregabilidade e as dimensões tecnicistas no cotidiano escolar.

Um dos desafios que se apresentam para o campo da educação hoje é sem dúvidas o da defesa de sua história e contribuição para a produção de conhecimento nacional. É estar politicamente nas trincheiras com os movimentos sociais na luta pela educação nacional e suas conquistas históricas, assim como estabelecer disputas teórico-políticas produzindo novas formas de conhecimento.

Considerações finais

Como campo em constante renovação, a pedagogia mesmo como efeito da produção de uma sociedade educativa, possui possibilidades de resistências frente ao cenário que se apresenta em nossa contemporaneidade. Suas articulações como campo de saber podem criar produções intelectuais importantes para pensarmos caminhos possíveis de atuação política, fomentando formas urgentes de reivindicação.

A pedagogia precisa ser perigosa, conjurar seus perigos é entrever um campo dinâmico que tensiona práticas de contra-conduta que coloca inclusive a escola contra ela mesma, produzindo um espaço que longe de apenas fabricar corpos instados a sujeições, funcione igualmente como engrenagem constitutiva de subjetividades outras. Subjetividades que fustiguem as tentativas neoliberais que tentam instar nossas vidas a formas diversas de precariedade, que de um lado consolida a racionalidade neoliberal e do outro transforma os professores em uma massa de trabalhadores precarizados.

O campo da pedagogia é mais uma vez chamado a reflexão frente aos desafios atuais na educação, sua história, de forma favorável nos aponta que, assim como disputas em tempos de outrora garantiram novas possibilidades educativas, a atualidade poderá se apresentar como igualmente frutífera, apontando novas formas de enfrentamento a retrocessos e novas possibilidades de luta.

Referências

BISSOLLI DA SILVA, Carmem Silvia. Curso de Pedagogia no Brasil: uma questão em aberto. In: PIMENTA, Selma Garrido (Org.). *Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CANDAU, Vera Maria (Org.). *A didática em questão*. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

DELEUZE, Gilles. *Empirismo e subjetividade*. Tradução Luiz Orlandi. Rio de Janeiro: Ed.34, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

GADELHA, Sylvio. *Governamentalidade neoliberal, Teoria do Capital Humano e Empreendedorismo*. Educação & Realidade. V. 34, n. 2, p. 171, mai/ago, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.

LARROSA, Jorge. *Imagens do outro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

LARROSA, Jorge. “Tecnologias do eu e educação”. In: Silva, Tomaz Tadeu. *O sujeito da educação*. Petrópolis: Vozes, 2000.

NOGUERA-RAMIREZ. Carlos Ernesto. *Pedagogia e governamentalidade ou da modernidade como uma sociedade educativa*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SOUZA, Solange Jobim e. *Subjetividade em questão: infância como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2005.

STANDING, Guy. *O precariado: a nova classe perigosa*. Tradução Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

VARELA, Julia e URÍA, Fernando Alvarez. *A maquinaria escolar*. Teoria e educação, v.6, 1999.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). *Didática: o ensino e suas relações*. 12. ed. Campinas, SP: Papirus. 2007.

Submetido em: 28/04/2020

Aceito em: 29/06/2020

Publicado em: 03/08/2020